

O Homem dos Sonhos

Adaptação de uma novela de Mário de Sá-Carneiro

Personagens:

O Homem dos Sonhos (soprano)

O Narrador (barítono)

Quatro atores / figurantes

Local: um café em Paris, 1913

O Homem

O Narrador

1ª canção	
<p>Tem razão, muita razão! É uma coisa horrível esta vida - tão horrível que não se pode tornar bela. Olhe um homem que tenha tudo: Saúde, dinheiro, glória e amor. É-lhe impossível desejar mais porque possui tudo. Atingiu a máxima ventura, e é um desgraçado. Há lá desgraça maior do que a impossibilidade de desejar?</p> <p><i>Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, sou feliz! (repete)</i></p>	<p>Aquele homem parecia-me um mistério. Não me enganava. O mistério, penetrei-o uma noite de chuva. Muito densa. Frigidíssima. Maldita vida!</p> <p><i>Um homem feliz. Que homem feliz... Inteiraente feliz... (repete)</i></p>

*Eu conheço o que quero!
Eu tenho o que quero!
(repete)*

Nunca disse a ninguém o meu segredo.
Mas hoje, não sei porquê,
Vou-lho contar a si.
Ah! Supunha que eu vivia a vida?
Triste ideia faz de mim!
Se a vivesse, há muito já que teria
morrido dela.
O meu orgulho é indomável,
E o maior vexame (que existe) é viver a
vida.
Não me canso de (lho) gritar:
A vida humana é uma coisa impossível,
Sem variedade, sem originalidade:
Lista de um restaurante onde os pratos
são sempre os mesmos,
O mesmo aspecto, o mesmo sabor.
*Lista de um restaurante, lista de um
restaurante...*

2ª canção

Com certeza
O que existe de melhor na vida
É o movimento
porque,
caminhando com uma velocidade igual à
do tempo,
no-lo faz esquecer.
Um comboio em marcha
é uma máquina de devorar instantes.
Viajar é viver o movimento.
Mas ao cabo de pouco viajarmos,
a mesma sensação de monotonidade
nos assalta.
Por toda a banda o mesmo cenário,
as mesmas cores:
azul, verde e sépia.
E, nas regiões polares,

Eu costumo dizer, até aos meus amigos,
que o facto mais singular da minha vida é
ter conhecido um homem feliz...

Tão singular,
Tão especial o tom da sua voz,
Que julguei estar ouvindo um louco.
Tive que ficar, tive que ficar...

a brancura cegante, ilimitada.
Tive um amigo que se matou
por lhe ser impossível conhecer outras
cores.

Eu conheço outras cores,
conheço outros panoramas.

Eu conheço o que quero

Eu tenho o que quero!

Eu não sou como os outros.

Eu sou feliz, entenda bem,

Sou feliz!

(repete)

3ª canção

Pois bem!

Eu consegui variar a existência.

Eu não tenho só tudo quanto existe –
percebe?

Eu tenho também tudo quanto não
existe.

Aliás, apenas o que não existe é belo...

Vivo horas que nunca ninguém viveu,
horas feitas por mim,

E viajo em países longínquos,
nações misteriosas que existem para
mim,

não porque as descobrisse,
mas porque as edifiquei.

Porque eu edifico tudo.

Um dia hei-me mesmo erguer o ideal!
e já o entrevejo fantástico.

E todo esguio, todo esguio...

A extinguir-se em altura azul...

Esculpido em vitória...

Resplandecendo ouro...

*Ouro não, mas um metal mais áureo que
o ouro...*

(repete)

O ideal...o ideal...

Vou sonhá-lo esta noite...

Porque é sonhando que eu vivo tudo.

Compreende?

Eu dominei os sonhos.

Uma criatura de sonho...

De bruma, indefinida e vaga, irreal...

Alto e extremamente magro.

Os seus olhos fantásticos de azul eram de
um brilho fulgurante

- mas não brilhavam...

Julguei estar ouvindo um louco...

O desconhecido maravilhoso

Era uma figura de sonho

- e entretanto uma figura real.

Temi quase endoidecer...

Meu pobre cérebro

<p>Sonho o que quero. Vivo o que quero!</p> <p style="text-align: center;">4ª canção</p> <p>As viagens maravilhosas que eu tenho feito! Vou-lhe contar algumas... A mais bela é esta porque foi a mais temível: Eu estava farto de luz. Todos os países que percorrera, inundava-os a luz do dia E à noite a das estrelas. Que impressão enervante essa luz eterna! Sempre a mesma, sempre tirando o mistério às coisas... parti para uma terra ignorada perdida num mundo extra-real onde as cidades e as florestas existem perpetuamente mergulhadas na mais densa treva. Não há palavras que traduzam a beleza dessa região singular. Porque eu via as trevas! (A sua inteligência não concebe isto, nem a de ninguém..)</p> <p>Era uma capital imensa... A multidão girando, silenciosa, E todo aquele silêncio se reunia em música. Que estranho calafrio... Vida misteriosa porque a luz não a dominava. Eu via a treva, eu via a treva... Num recanto, dois amantes a morderem-se nas bocas. Mais longe, uma cena de sangue, gritos de dor. E pelos arrabaldes, os vinhedos carregados de frutos, Os trigais maduros. Toda a vida, na escuridão impenetrável... Que triunfo! Que triunfo!</p>	<p>Que a asa do mistério roçara...</p> <p>Abismo azul... Vou sonhar. Dormir uma sesta...</p> <p>(Falando alto durante o sono)</p> <p>Impossível, impossível!</p> <p>Segredo! Segredo! (Acordando)</p>
--	---

<p style="text-align: center;">5ª canção</p> <p>Glória maior foi a minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são só dois. Labirintos de corpos Entrelaçados. Uma cadeia de espasmos contínuos, sucessivos e actuais que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida... Infinito! Infinito! Era, ruivamente, era o cântico aureoral da carne. Partitura sublime da voluptuosidade que freiam todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões... <i>A vida a deslizar em ondas...</i> <i>A vida a deslizar em ondas...</i> <i>(repete)</i></p>	<p>A vida é um lugar comum.</p> <p>O mundo, para ele, ultrapassou-se: É universo que aumenta sem cessar, que sem cessar se alarga. Quer dizer, Não é mesmo universo: É mais alguma coisa.</p>
--	---

6ª canção

Narrar-lhe todas as minhas viagens seria impossível.
No entanto quero-lhe falar ainda doutro país.
Que estranho país esse...
Todo duma cor que lhe não posso descrever
Porque não existe –
duma cor que não era cor.
E eis no que residia a sua beleza.
A atmosfera deste mundo
não a constituía o ar nem nenhum outro gás.
Não era atmosfera, era música.
Nesse país respirava-se música.
Mas o que havia de mais bizarro
era a humanidade que o povoava.
Tinha alma e corpo como a gente da terra.
Entanto o que era visível,
O que era definido e real –
era a alma.
Os corpos eram invisíveis,
desconhecidos e misteriosos
como são as nossas almas.
Talvez nem sequer existissem,
(Da mesma forma que as nossas almas
talvez não existam também...)
Que sensações divinas, nesse país!...
O meu espírito ampliou-se...
(Tive a noção de perceber o
incompreensível... Hei-de talvez lá voltar
um dia , a esse país sem igual, a esse país
d'Alma...)

Em suma, meu amigo,
eu viajo o que desejo.
Se quero montanhas,
escuso de ir à Suíça.

Para mim,
há mares que não são mares
e extensões vastíssimas

Risos

<p>que não são montes nem são planícies.</p> <p><i>Que são qualquer coisa mais bela, mais alta ou mais plana, enfim, mais sensível! (repete)</i></p> <p>7ª canção</p> <p>Agora passo-lhe a esboçar algumas voluptuosidades novas. Um corpo de mulher é sem dúvida uma coisa maravilhosa. Mas o lamentável é que poucas formas há de possuir toda essa beleza. Tudo acabará em um espasmo que há-de ser sempre o mesmo, visto que reside sempre nos mesmos órgãos!...</p> <p>Pois bem! Eu tenho possuído mulheres de mil outras maneiras, Tenho delirado outros espasmos que residem noutros órgãos. Ah! Como é delicioso possuir com a vista...</p> <p>A nossa carne não toca, nem de leve, a carne da amante nua. Os nossos olhos, só os nossos olhos, é que lhe sugam a boca, e lhe trincam os seios...</p> <p>Os nossos nervos tremem todos como as cordas duma lira, onde os cabelos sentem. O nosso corpo inteiro vê, um estremeção nos sacode e um espasmo ilimitado, um espasmo de sombra, nos divide a carne em ânsia ultrapassada. Atingimos o gozo máximo! Possuímos só com a vista.</p>	<p>Risos convulsivos</p> <p>Choro convulsivo</p> <p>Sonho erótico do Narrador</p> <p>Silêncio. Silêncio!!! Pelo meu cérebro vai (ia?) um tufão silvando.</p>
--	--

<p>Enfim, meu amigo, compreenda-me: Eu sou feliz porque tenho tudo quanto quero e porque nunca esgotarei aquilo que posso querer.</p> <p>Consegui tornar infinito o universo – que todos chamam infinito mas que é para todos um campo estreito e bem murado.</p> <p>Conhaque. Conhaque!!</p> <p>(bebe uma grande quantidade de conhaque)</p> <p>Já conheço o ideal. No fim de contas é menos belo do que imaginava...</p> <p>(Dirigindo-se pela primeira vez ao Narrador)</p> <p>E o meu amigo o que tem feito?</p> <p>FIM</p>	<p>E que imagens fantásticas! Rodopiantes, parecem (pareciam) querer no entanto definir-se em traços reais. Mas logo se desfazem (desfaziam) como bolas de sabão...</p> <p>(O Narrador vai repetindo mecanicamente algumas das palavras do Homem dos Sonhos)</p>
---	--